

SALA DE REFERÊNCIA IDEAL PARA AS CRIANÇAS E PARA AS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Ideal reference classroom for children and education professionals

Ariadne de Sousa **EVANGELISTA**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Presidente Prudente (SP), Brasil

ariadne_ev@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9339-3867> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal compreender os anseios e as idealizações das crianças e dos profissionais, em relação ao espaço da sala de referência, na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu discussões sobre espaço, ambiente e lugar, com ênfase na Educação Infantil. Enquadrou-se nas características do estudo de caso e teve como campo de investigação uma sala de pré-escola II de uma instituição pública em Presidente Prudente (SP). Os sujeitos foram dezoito crianças e três profissionais que atuavam na instituição. O procedimento de recolha de dados foi a observação do espaço, com registro escrito e fotográfico, e a seleção visual. As conclusões apontaram que os anseios das crianças divergem em alguns aspectos dos educadores. Constata-se, também, que as profissionais têm conhecimentos alinhados as concepções apontadas por teóricos que estudam a organização do espaço das instituições de Educação Infantil, porém, esses saberes são pouco materializados na prática.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço educacional; Educação Infantil; Seleção visual.

ABSTRACT

The main objective of this article is to understand the desires and idealizations of children and professionals regarding the space of the reference classroom in Early Childhood Education. The research used a qualitative approach, involved discussions about space, environment and place, with emphasis on Early Childhood Education. It carried the characteristics of a case study and had as research field a II pre-school classroom of a public institution in Presidente Prudente (SP). The subjects were eighteen children and the professionals who worked in the institution. The data collection procedure was the observation of space, with written and photographic record, and visual selection. The conclusions pointed out that children's wishes diverge in some respects from educators. It is also verified that the professionals have knowledge aligned with the conceptions pointed out by theorists who study the organization of the space of the institutions of Early Childhood Education, however, these knowledge are little materialized in practice.

KEYWORDS: Educational space; Early childhood education; Visual selection.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados da Dissertação de Mestrado em Educação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP), em Presidente Prudente, intitulada *Concepções e expectativas de crianças e de profissionais sobre o espaço da Educação Infantil*. O interesse desta pesquisa originou-se nas discussões ocorridas no Grupo de Pesquisa “Formação de Professores para a Educação Infantil” (FOPREI).

Surgiram algumas inquietações: como os profissionais organizam os espaços da sala de referência? Quais concepções essa organização reflete? Os professores têm formação para organizar o espaço educacional? Como as crianças concebem esse espaço? Como os principais usuários desse espaço gostariam que ele fosse?

Neste texto, buscamos compreender os anseios e as idealizações das crianças e das profissionais em relação ao espaço da sala de referência, na Educação Infantil, observando até que ponto esses ideais estão de acordo com o que é proposto nos documentos legais da Educação Infantil e indicado para um desenvolvimento integral saudável das crianças.

Para discutir sobre a importância do espaço como parte do currículo¹, principalmente para crianças pequenas até cinco anos de idade, utilizamos como base da fundamentação teórica os seguintes autores: Forneiro (1998); Carvalho e Rubiano (2000); Horn (2004); Barbosa (2006); Barbosa e Horn (2001, 2008); Kramer e Guimarães (2007); Blanc e Lesann (2012).

A investigação se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa e se caracteriza como um estudo de caso. Os instrumentos usados na coleta dos dados, neste recorte, foram a observação do espaço da sala de referência, com registro escrito e fotográfico, e a seleção visual. Teve como campo de investigação uma instituição pública que atende exclusivamente à Educação Infantil, em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, e como sujeitos da pesquisa dezoito crianças regularmente matriculadas em uma turma de pré-escola II, com cinco e seis anos de idade, e a professora da turma, a orientadora pedagógica e a diretora.

¹ Para Forneiro (1998, p. 238) “Os elementos do espaço transformam-se [...] em componentes curriculares.” na medida em que “[...] a forma de organização do espaço e a dinâmica que for gerada da relação entre os seus diversos componentes irão definir o cenário de aprendizagens”. (FORNEIRO, 1998, p. 237).

Os dados foram categorizados à luz da teoria estudada. Este texto visa a contribuir com o avanço nas pesquisas sobre o tema e servir de reflexão para os profissionais da Educação Infantil.

2. ESPAÇO, LUGAR E AMBIENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O conceito de espaço pode ter diversos significados, dependendo da área do conhecimento a que faz referência. Segundo Forneiro (1998), o termo *espaço* se refere à dimensão física da instituição. Neste artigo, restringimos nossa abordagem apenas à sala de referência. A dimensão física engloba a infraestrutura, os mobiliários, os materiais e os elementos decorativos da sala.

A nomenclatura *sala de referência* é empregada, nos *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006), para determinar uma sala onde as crianças são recebidas, guardam seus pertences, entre outras atividades. O documento defende que as crianças na Educação Infantil utilizem espaços diversificados, como parque, sala de vídeo, tanque de areia, casinha, cama elástica, quadra, áreas verdes, brinquedoteca, biblioteca etc. Diferencia-se da tradicional sala de aula do Ensino Fundamental.

O conceito de *ambiente*, conforme Forneiro (1998), é mais amplo, à medida que inclui quatro dimensões: física, relacional, funcional e temporal. A dimensão física remete aos aspectos materiais; a dimensão relacional, às pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, as crianças, os profissionais da educação e os familiares; a dimensão temporal, à duração, rotinas e momentos vivenciados no ambiente; e, por fim, a dimensão funcional, à maneira como o ambiente é utilizado, para que tipo de atividades.

O conceito de *lugar* desenvolvido pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2012, 2013), concerne a um espaço amado, especial, diferente para o indivíduo, pelo qual este possui um afeto que o torna insubstituível. Enfatiza o autor: "Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato" (TUAN, 2013, p.168).

Tuan (2012, p.135) denomina como *topofilia* os "[...] laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente". Neste sentido, Blower (2008) ao relacionar o conceito com a Educação Infantil ressalta:

Vale dizer, então, que a criação definitiva de sentimentos topofílicos com

o ambiente escolar de Educação Infantil passa pela valorização desse ambiente pela criança pequena, na medida em que, ao vivenciar a creche ou pré-escola, traduza sentimentos como: segurança, bem-estar, aconchego, reconhecimento e orientação. (BLOWER, 2008, p. 42).

Compartilhamos da ideia de Blower (2008) e defendemos que os professores devem estimular os sentimentos topofílicos nas crianças, haja vista que estas podem ser beneficiadas por eles. A medida que a criança se sente segura no espaço e o ama estará mais disposta a aprender nele, valorizá-lo e conservá-lo.

Nesse sentido, advogamos, como Forneiro (1998), Frago e Escolano (1998), Rosseti-Ferreira (1998), Horn (2004), Oliveira et al. (2012), a favor de uma organização do espaço da sala de referência coerente com as necessidades do desenvolvimento infantil e que o espaço seja concebido como parte do currículo dessa modalidade educativa.

3. A SALA DE REFERÊNCIA IDEAL PARA CRIANÇAS ENTRE QUATRO E SEIS ANOS

Neste artigo, tratamos, principalmente, de dois aspectos da organização da sala de referência: o arranjo espacial e a decoração. Seleccionamos esses tópicos, pois acreditamos que são neles que os profissionais têm maior autonomia para interferir. Outros aspectos, como infraestrutura, mobiliários e materiais, dependem de recursos financeiros.

Ao discutir a organização dos espaços, Forneiro (1998) indica a adoção de nove critérios para nortear a organização da sala. São eles: estruturação por áreas, delimitação clara das áreas, transformação (convertibilidade), favorecimento da autonomia, segurança, diversidade, polivalência, sensibilidade estética e pluralidade.

A *estruturação por áreas* refere-se à divisão do espaço por áreas de trabalho, para que a criança tenha liberdade de escolha, por exemplo, área da casinha, área da pintura, área da leitura, entre outros. A *delimitação clara* de áreas relaciona-se a marcos físicos que determinam o início e o fim daquela área de trabalho, os quais podem ter delimitações fortes, que são aquelas mais difíceis de remover ou mais fixas, por exemplo, um móvel, ou delimitações fracas, que são marcas no piso ou na parede, caixas, bancos, materiais mais leves e fáceis de serem transportados. A *transformação* concerne à flexibilidade no momento de modificar o espaço, ou seja, essa conversão

deve ser facilitada o máximo possível, até para que as crianças possam auxiliar no processo. Os móveis com rodinhas são exemplos que beneficiam esse critério. O *favorecimento da autonomia* faz menção ao acesso pelas crianças aos mobiliários e materiais, de modo que tenham liberdade de ação. A *segurança* está relacionada à ausência de risco a saúde das crianças. A *diversidade* está associada à variedade de estruturação, agrupamentos, posição corporal e conteúdo a que as áreas devem atender, pensando nas necessidades das crianças. A *polivalência* está vinculada à flexibilidade de algumas áreas para comportarem diferentes atividades, como, por exemplo, o tapete, o qual pode ser utilizado para o momento da roda de conversa e para o momento da brincadeira de carrinhos. A *sensibilidade estética* é pertinente à educação para apreciação e produção de obras de arte, está relacionada a decoração da sala de referência e como parte do currículo visual e silencioso, reflete e transmite valores éticos, estéticos e os tipos de relações estabelecidas no ambiente. A autora apresenta quatro subcritérios: ser colorida (sem exageros), ser original e criativa, ser personalizada e incluir réplicas de obras de arte. Por fim, na *pluralidade*, encontramos a valorização da diversidade étnica, social e cultural das crianças (FORNEIRO, 1998).

Meneghini e Campos-de-Carvalho (2003), ao estudarem o espaço da sala, com ênfase na Psicologia Ambiental, identificaram três tipos de arranjo espacial e analisaram seus benefícios em relação à interação entre as crianças e os adultos.

O primeiro, denominado arranjo aberto, corresponde a uma sala em que os mobiliários ficam encostados na parede e há um amplo espaço central vazio. O segundo, o espaço visualmente aberto (anteriormente chamado de semiaberto), trata-se de um espaço com a presença de zonas circunscritas. As zonas circunscritas “[...] são áreas espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliários, parede ou desnível do solo” (CARVALHO; RUBIANO, 2000, p. 128). O terceiro remete ao arranjo visualmente restrito (anteriormente denominado de arranjo espacial fechado), em que as barreiras usadas para fazer a circunscrição impedem que a criança tenha visão do todo.

Para as autoras, a interação entre os pares é mais intensa, no arranjo visualmente aberto. O arranjo aberto não favorece a interação entre os pares e entre adulto-criança. No arranjo visualmente restrito, há uma dependência maior da criança em relação ao adulto. Conforme Meneghini e Campos-de-Carvalho (2003, p. 277)

[...] o arranjo espacial semiaberto, inclusive com maior número de zonas circunscritas, proporciona maior oportunidade tanto para interações entre crianças, como para ocorrência de atividades individuais e outros

comportamentos que podem anteceder um contato social (espectador e comportamento socialmente dirigido), sem a intervenção direta da educadora.

Vale ressaltar que, para Campos-de-Carvalho (2011), as *zonas circunscritas* são diferentes dos cantos, à medida que “[a] característica primordial destas zonas é a sua circunscrição ou fechamento, portanto, um atributo topográfico que independe do tipo de objetos e atividades ali desenvolvidas, diferenciando-se assim dos chamados cantos de atividades” (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2011, p. 72).

Diante do exposto, com base em estudos da Psicologia Ambiental, Educação, Geografia e Arquitetura, defendemos o uso das áreas temáticas com delimitação clara, a fim de beneficiar a interação entre os pares, o desenvolvimento da autonomia e as brincadeiras, eixos norteadores da Educação Infantil.

Outro aspecto que os profissionais da educação têm uma maior liberdade para organizar é a decoração da sala de referência. Esse aspecto está relacionado ao desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças.

A esse respeito, Cunha (2009) condena o emprego de personagens midiáticos na decoração de instituições educacionais, pois, conforme a autora, essa ação estimula o consumismo e pouco contribui para a formação estética. Compartilhamos da ideia de valorização dos trabalhos feitos pelas próprias crianças como elementos de decoração, proposta por Forneiro (1998), Cunha (2009) e pelos *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006).

4. METODOLOGIA

O estudo se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa, conforme explicitam Lüdke e André (1986): “A pesquisa qualitativa tem ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-12).

A instituição de Educação Infantil foi o ambiente onde os dados foram recolhidos, com foco nas concepções e expectativas das profissionais e das crianças sobre o espaço da sala de referência.

A investigação se caracteriza como um estudo de caso, delimitando-se a observar uma sala de referência pré-escolar em uma instituição pública municipal que

atende exclusivamente à Educação Infantil, localizada em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo.

Os sujeitos foram dezoito crianças matriculadas em uma turma de pré II, entre cinco e seis anos de idade, e as profissionais de educação: a professora, a orientadora pedagógica e a diretora. Vale ressaltar que compreendemos a criança como ser competente para a pesquisa, como defendem Alderson (2005), Souza e Castro (2011), Corsaro (2009, 2011) e Sarmiento (2003, 2007).

Como principal fonte de recolha de dados, no recorte apresentado, utilizamos a seleção visual e a observação. A seleção visual é um instrumento criado pelo arquiteto Henry Sanoff (1991). Consiste em dispor algumas imagens, para que sejam selecionadas e que se ouça a opinião dos usuários sobre aquele espaço.

Para Rheingantz et al. (2009, p. 64), “Esse procedimento possibilita, com base em uma série de imagens com variadas possibilidades visuais, provocar uma reflexão dos usuários sobre suas características, compará-las entre si e a determinação de suas preferências”.

Nesse caso, foram selecionadas oito fotografias de salas de referência. Cada sujeito poderia escolher três imagens e, depois, apontar elementos positivos e negativos, em cada uma delas. As crianças não compreenderam o conceito de positivo e negativo, por isso, adaptamos para elementos de que elas gostavam e de que elas não gostavam. Esse instrumento foi aplicado individualmente, em um espaço privativo.

O principal critério na seleção das imagens foi o arranjo espacial das salas de referência. Depois, consideramos outros aspectos, com base em estudos que norteiam o espaço ideal para crianças pequenas, como a presença de brinquedos, a exposição de atividades, a presença de recursos tecnológicos, a variedade dos mobiliários, a diversidade de cores.

Foram selecionadas duas imagens de carteiras individuais ou modelo de territórios, duas imagens de arranjo espacial visualmente aberto, duas de arranjo espacial aberto e duas de carteiras em grupo ou de modelo misto. As imagens selecionadas foram organizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Seleção Visual

CARTEIRAS INDIVIDUAIS OU MODELO DE TERRITÓRIOS PESSOAIS
--

Figura 1 – Carteiras individuais enfileiradas



Fonte: Colégio Cene (2012)

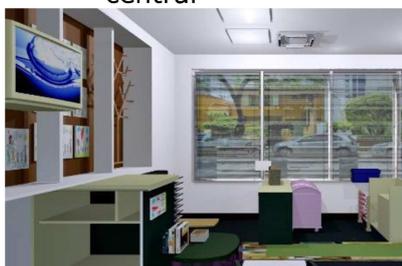
Figura 2 – Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio *Discere Laboratum* (2011)

ARRANJO VISUALMENTE ABERTO

Figura 3 – Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 4 – Arranjo visualmente aberto



Fonte: Baú de atividades (2015)

ARRANJO ABERTO

Figura 5 – Arranjo aberto com tapete frontal



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 6 – Arranjo aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

CARTEIRAS ORGANIZADAS EM GRUPOS OU MODELO MISTO

Figura 7 – Grupos retangulares



Fonte: Oliveira (2008)

Figura 8 – Grupos hexagonais



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Reelaborado pela autora (2019).

A observação na instituição foi feita durante aproximadamente dois meses. Acompanhamos as crianças nas diversas atividades diárias e anotamos, em um caderno de registro. Também foram fotografados todos os espaços da instituição usados pela turma, sem a presença das crianças, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento ou exposição. Este é um dos principais instrumentos adotados nas pesquisas educacionais, segundo Lüdke e André (1986).

5. AS IDEALIZAÇÕES DAS CRIANÇAS

Embora o nosso critério de seleção das imagens tenha sido o arranjo espacial, as crianças demonstraram não ter um arranjo de preferência, de maneira que nenhuma dupla de arranjo se destaca. As figuras de nº 2, 6, 3 e 7 destacam-se na quantidade de escolha, porém cada uma faz parte de um arranjo selecionado. Se somássemos as escolhas por arranjo veríamos que o arranjo aberto é o preferido, porém tem apenas um voto a mais que os arranjos com modelo misto e territórios individuais. A tabela abaixo mostra o número de escolha de cada imagem.

Tabela 1: A escolha das imagens das crianças

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Figura 1: Carteiras individuais enfileiradas	3	5,56%
Figura 2: Carteiras individuais em arco	11	20,37%
Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central	9	16,66%
Figura 4: Arranjo visualmente aberto	2	3,70%
Figura 5: Arranjo aberto com tapete frontal	5	9,26%
Figura 6: Arranjo aberto com tapete central	10	18,52%
Figura 7: Grupos retangulares	9	16,66%
Figura 8: Grupos hexagonais	5	9,26%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2019).

Vale ressaltar que as crianças não têm experiência com arranjos espaciais diversificados, apenas com carteiras em grupo ou modelo misto, modelo utilizado na sala de referência, durante a observação e que não teve nenhuma alteração no período, como pode ser constatado na imagem a seguir:

Figura 9: A sala de referência

Figura 10: Cantinhos da sala de referência



Fonte: Elaborada pela autora (2015).



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Como podemos observar nas fotos (figuras 9 e 10) a sala de referência é organizada com um espaço central composto por quatro grupos de seis cadeiras e seis carteiras cada e um grupo com duas carteiras e duas cadeiras, a mesa da professora. No entorno, na parede da frente há a lousa e cartazes, na lateral esquerda armários fixos, no fundo espaço para as bolsas e na lateral direita são organizados alguns cantinhos, da televisão, dos brinquedos, da leitura e dos animais. Neste sentido, classificamos como modelo misto proposto por Forneiro (1998), pois tem mesas e cantos. Ressaltamos, a importância dos arranjos espaciais para a interação entre os pares, desenvolvimento da autonomia e formação da identidade pessoal e de grupo. À medida que o professor garante áreas no interior da sala de referência, estas possibilitam diferentes agrupamentos, como propõe Forneiro (1998) – em duplas, trios, quartetos, inclusive isolamento.

Na seleção visual, cada criança escolheu três imagens, dentro dessas deveriam apontar três elementos que gostam e três elementos que não gostam. O número de elementos apontados como que “gostam” foi de 154, enquanto o número dos elementos que não gostam foi de 46². Neste sentido, constatamos que as crianças têm dificuldades em fazer críticas, pois o número de aspectos positivos chega a ser duas vezes maior do que o de negativos. Percebemos, durante a observação, que as crianças não têm participação ativa nas decisões cotidianas, assim, têm dificuldades de expressar seus desejos. Barbosa e Horn (2008) defendem que desde o berçário é possível ouvir as crianças, através de suas diferentes linguagens e possibilitar que participem da organização da sala de referência e dos projetos pedagógicos.

² Este dado, é resultado da seleção visual aplicada com as crianças. Na dissertação as informações foram apresentadas em forma de quadro, porém neste artigo, optamos por descrever seus resultados mais relevantes. As dezoito crianças indicaram um total de 154 elementos que gostam nas fotos e 46 elementos que não gostam, que foram categorizados e quantificados para análise qualitativa.

Sarmiento (2007) critica a falta de voz e a invisibilidade das crianças no que tange a história, pesquisa e política. Para o autor, a criança não foi ouvida ao longo da história ocidental, nem no âmbito das políticas, nem das pesquisas científicas. Campos (2008) afirma que a pesquisa sobre criança tem um bom tempo, principalmente na saúde e na educação, condicionando a criança ao papel de aluno e de paciente. Porém, as pesquisas que concebem as crianças enquanto parceiras e coautoras são recentes.

A partir dos aspectos mais citados pelas crianças, podemos classificar em quatro categorias, são elas: os mobiliários, os elementos decorativos, os materiais (brinquedos, estojo, mochilas etc.) e a infraestrutura (janela e chão).

A tabela abaixo, mostra a quantidade de escolhas e porcentagem referente, considerando os 154 aspectos apontados pelas crianças como que gostam, dividida nestas categorias.

Tabela 2: A escolha dos aspectos que as crianças gostam

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Materiais	80	51,95%
Mobiliários	44	28,57%
Decoração	22	14,29%
Infraestrutura	8	5,19%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2019).

Em relação aos aspectos que as crianças não gostam, podemos visualizar a divisão por categorias na tabela a seguir.

Tabela 3: A escolha dos aspectos que as crianças não gostam

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Mobiliários	21	45,65%
Materiais	14	30,43%
Decoração	9	19,57%
Infraestrutura	2	4,35%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2019).

A propósito dos materiais, categoria mais escolhida pelas crianças como elemento que gostam, são mencionados: os brinquedos, os estojos, as mochilas, a lousa, os tapetes e os livros. Os brinquedos são apontados 30 vezes, representando mais de um terço da categoria. Apenas um brinquedo foi apontado como elemento que não gosta, o dado com letras, que está no armário aberto da imagem nº 4.

As crianças têm desejo e necessidade de brincar no interior da sala de referência. Conforme Kishimoto (2000), os brinquedos nas instituições de Educação

Infantil são utilizados para o brincar livre e a aquisição de conteúdo. As crianças valorizam os brinquedos que permitem brincadeiras livres. No entanto, a investigação realizada por Kishimoto (2000), com professores de crianças em idade pré-escolar, demonstrou que “[o]s brinquedos e materiais destinados as atividades simbólicas, de construção e socialização das crianças, são os menos privilegiados [...]” (KISHIMOTO, 2000, p. 233).

A constatação da autora procede em relação à sala da turma observada, neste espaço os brinquedos simbólicos eram os que estavam em piores condições, ficavam acessíveis, mas foram utilizados poucas vezes. Em contraposição, Oliveira et al. (2012) advogam que os projetos político-pedagógicos das instituições de Educação Infantil devem “[...] compreender a brincadeira como atividade fundamental nessa fase do desenvolvimento e criar condições para que as crianças brinquem diariamente [...]” (OLIVEIRA et al., 2012, p. 76).

Em relação aos mobiliários, unimos mesas, cadeiras, armários e colchões, embora tenham sido mencionados com diferentes nomenclaturas pelas crianças. A mesa foi considerada como aspecto negativo na imagem nº 5, 2 vezes pelas crianças, que justificam devido à mesa ser velha e estar vazia, estas escolhas representam 9,56% dos mobiliários que não gostam.³ Nas imagens nº 2 e nº 8, as mesas e cadeiras foram apontadas como elementos de que gostam, destacando-se no número de escolhas em relação as outras imagens. As carteiras da imagem nº 2, são apontadas por cinco crianças que justificam suas escolhas pelas cores das carteiras, o que representa 11,36% da categoria mobiliários que gostam. Na imagem nº 8, novamente, as carteiras organizadas em grupos hexagonais são ressaltadas em 5 escolhas (11,36%). Assim, poderíamos afirmar que as carteiras que esse grupo de crianças gostariam de estudar, seria em formato de paralelogramo, as quais formam grupos hexagonais e coloridos.

Figura 5: Arranjo aberto com tapete frontal

Figura 2: Carteiras individuais em arco

Figura 8: Grupos hexagonais

³ É importante salientar, que o instrumento seleção visual, prevê a escolha de imagens e dentro delas apontamentos de aspectos positivos e negativos. Foi feito individualmente com cada crianças e profissional de maneira oral e as escolhas foram anotadas pela pesquisadora, depois quantificadas e analisadas. As porcentagens apresentadas são resultados desse instrumento.



Fonte: Elaborado pela autora (2015)



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Nesse sentido, os *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006a, p. 29) afirmam: “Possibilidade de utilizar cadeiras, mesas ou outros equipamentos que apresentem cores e formas geométricas diferenciadas (quadrado, círculo, retângulo).”

Em relação aos armários, as crianças destacam os da imagem nº 5 como aspecto positivo, sendo que a palavra armário é mencionada 8 vezes durante a seleção visual, sendo: 3 vezes, pelos seus materiais; 3 vezes pela sua decoração de flor e 2 vezes pelo armário aberto, baixo, encapado de papel laminado. Dessa forma, é possível inferir que as crianças têm preferência por armários abertos, coloridos ou decorados.

Figura 5: Arranjo aberto com tapete frontal



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Figura 6: Arranjo aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Considerando a categoria decoração (22 escolhas positivas), explicitamos que as crianças gostam, predominantemente, dos aspectos decorativos que realçam os elementos da natureza (10 escolhas – 45,45%), sendo destacados: o sol, as flores, a árvore e a centopeia. Também mencionam as atividades expostas (7 escolhas – 18,18%), as bandeiras (2 – 9,09%), os cartazes de apoio pedagógico (2 – 9,09%) e o alfabeto (1 – 4,54%).

No que tange a questão dos apontamentos em relação a natureza, as crianças anseiam por elementos naturais dentro e fora da sala de referência. Tiriba (2007) sublinha a importância de as crianças terem contato com a natureza, desde a mais

tenra idade. Defende que temos o desafio de educar para a sustentabilidade. Na opinião da autora:

Desde a creche e a pré-escola precisamos, portanto, realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-os como chão, como pano de fundo ou como matéria da maior parte das atividades (TIRIBA, 2007, p. 47).

Elali (2003) constatou que crianças e adultos têm diferentes visões sobre os elementos naturais. Geralmente, o olhar dos adultos prevalece e o contato com os elementos naturais fica prejudicado. Segundo a autora, para as crianças os elementos naturais são essenciais. Os professores não negam sua relevância, mas primeiramente se preocupam com aspectos estéticos e com a sala de referência. Os pais ou responsáveis desejam que as crianças tenham contato com uma natureza controlada, por exemplo, com animais presos e que não mordam, com grama e areia que não sujem.

O documento *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006a, p. 29) enfatiza: "Prever quadros e painéis colocados à altura das crianças (um metro e meio do chão) permite que estas tenham autonomia para pregar seus trabalhos e expressar suas ideias, personalizando o ambiente e aproximando-se deste."

Quanto à infraestrutura, as janelas são destacadas como elementos que gostam, apontadas nas imagens 2 e 3. Na figura 2, a janela foi escolhida 2 vezes, ou seja, representa 25% dos 8 aspectos apontados na categoria infraestrutura que gostam. Na imagem 3 a janela foi apontada 3 vezes (37,50%).

A janela da imagem 3 é baixa, grande e voltada para a rua, permitindo que a criança veja o exterior da escola. A janela da imagem 2 é alta, porém, há uma porta de correr de vidro que também possibilita à criança ver seu exterior, que é uma área verde. Esse tipo de janela, que permite a interação com o espaço exterior, é apontada como ideal para as crianças, dessa faixa etária pelos *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006).

O documento sugere que as salas das crianças entre um e seis anos de idade possuam "[...] janelas com abertura mínima de 1/5 da área do piso, permitindo a ventilação e a iluminação natural e garantindo a visibilidade para ambiente externo, com peitoril de acordo com a altura das crianças, garantindo segurança" (BRASIL, 2006, p. 16-17).

Figura 2: Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)

Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Carvalho (1998, p. 150) ao discutir o espaço interno assevera que este pode se relacionar intimamente com elementos naturais e afirma: “Nos espaços internos, podemos colocar vasos com plantas e flores, janelas que permitam iluminação natural, entrada de sol, visão do céu, de árvores e passarinhos”.

O chão é ressaltado enquanto aspecto positivo nas imagens 2 e 4. Na figura 2, o chão foi apontado 2 vezes, correspondendo a 25% das 8 escolhas. Quando questionamos uma das crianças sobre o porquê da escolha, ela afirma “*gosto dos quadradinhos coloridos*” (HOMEM-ARANHA, 2015). A imagem 4, que tem o chão quadriculado com um desenho geométrico de cores com tonalidades diferentes foi apontada 1 vez (12,5%). Desse modo, podemos inferir que as crianças desejam cores e formas geométricas diferentes, com detalhes, sem exageros, no chão da sala de referência.

Figura 2: Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)

Figura 4: Arranjo visualmente aberto



Fonte: Baú de atividades (2015)

Boccanera (2007, p. 18) explicita: “Ao exercer influência no ambiente as cores podem modificá-lo, animá-lo ou transformá-lo e alterar a comunicação, as atitudes e a aparência das pessoas presentes, pois todos nós temos reações as cores.”

Por fim, questionamos em que sala gostariam de estudar. A tabela, a seguir, demonstra o resultado:

Tabela 4: A sala em que eu gostaria de estudar

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Figura 1	0	0,0%
Figura 2	4	22,22%
Figura 3	1	5,55%
Figura 4	1	5,55%
Figura 5	1	5,55%
Figura 6	7	38,88%
Figura 7	1	5,55%
Figura 8	3	16,66%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2015).

Os resultados evidenciam o desejo das crianças de frequentarem espaços onde possam brincar. A sala mais escolhida e que mais se aproxima do ideal das crianças é a da figura 6, essa traz um espaço mais lúdico. Seguida das imagens nº 2 e 8, que contam com um espaço amplo e com uma diversidade de materiais pedagógicos. Nenhuma criança escolheu a imagem nº 1, o que demonstra certa aversão pelos arranjos espaciais que comportam carteiras enfileiradas, com objetivos disciplinadores.

Figura 6: Arranjo aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 1: Carteiras individuais enfileiradas



Fonte: Colégio Cene (2012)

A foto nº 1, possui carteiras enfileiradas, esse tipo de arranjo é mais comum em salas de aula do ensino fundamental e médio. Ele permite o ensino concomitante a todos e a vigilância constante do professor. Além disso, diminui a potencialidade de interação entre os pares, a medida que cada criança visualiza apenas a nuca do outro. Acreditamos que apesar dessa organização, as crianças criam ajustes secundários. Segundo Corsaro (2009), esses ajustes são maneiras criativas de subverter a ordem para realizar atividades próprias de crianças como brincar e interagir.

Para Foucault (1991) a organização apresentada na figura nº 1, atende a três propósitos: simultaneidade do ensino, disciplinamento dos corpos, economia de tempo. Nesse sentido, o autor assevera,

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais, tornou-se possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia de tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (FOUCAULT, 1991, p. 134).

Além disso, é digno de menção que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) desaprovam a antecipação dos conteúdos do Ensino Fundamental e prevê a articulação na transição para essa etapa do ensino, o documento afirma,

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2010, p. 30).

Conforme os apontamentos apresentados, inferimos que as crianças participantes dessa investigação, idealizam que a sala de referência seja um espaço onde possam brincar, interagir com os pares e ter contato com a natureza. Preferem um espaço com carteiras de diferentes formatos e coloridas, janelas que permitam a visão externa, chão com desenhos, armários baixos e coloridos, também desejam a presença de brinquedos e de outros materiais pedagógicos.

6. AS IDEALIZAÇÕES DAS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

As profissionais que participaram da seleção visual foram: a professora da turma, a orientadora pedagógica e a diretora da instituição. Entre as imagens previamente selecionadas, cada profissional podia escolher três que consideravam adequadas para turma analisada. Diferentemente das crianças, as profissionais observam a questão do arranjo espacial e destacam os "*pedagogicamente corretos*",

revelando conhecimento teórico sobre a questão da organização dos espaços. A tabela, a seguir, apresenta as escolhas das profissionais.

Tabela 5: A escolha das imagens dos educadores

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Figura 1	0	0%
Figura 2	2	22,22%
Figura 3	2	22,22%
Figura 4	2	22,22%
Figura 5	0	0%
Figura 6	1	11,11%
Figura 7	2	22,22%
Figura 8	0	0%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2015).

As imagens nº 1, 5 e 8 não foram escolhidas nenhuma vez. A primeira apresenta carteiras enfileiradas. Podemos levantar a hipótese que na concepção dessas profissionais o controle dos corpos não é adequado para a sala de referência da Educação Infantil. A figura 5 apresenta um espaço amplo, com ausência de carteiras e cadeiras para o uso das crianças e a imagem 8 apresenta um espaço com poucas cores, em tons pastéis.

Figura 1: Carteiras individuais enfileiradas



Fonte: Colégio Cene (2012)

Figura 5: Arranjo aberto com tapete frontal



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Figura 8: Grupos hexagonais



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020).

Ao apontarem os aspectos positivos e negativos das fotos escolhidas, as professoras deixam claro que as cores, a presença de carteiras e de cadeiras e o arranjo espacial são elementos importantes.

As imagens nº 2, 3, 4 e 7 foram escolhidas duas vezes. Essas escolhas demonstram a preferência pelo arranjo visualmente aberto, representados pelas figuras 3 e 4. A figura 7 é a que mais se assemelha a sala de referência da professora. A figura 2 apresenta um amplo espaço para brincadeiras.

Figura 2: Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)

Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020).

Figura 4 Arranjo visualmente aberto



Fonte: Baú de atividades (2015)

Figura 7: Grupos retangulares



Fonte: Oliveira (2008)

No interior das três imagens selecionadas, cada profissional deveria apontar até três elementos que considerasse positivo e três que considerasse negativo. Assim, foram apontados 29 aspectos positivos e 17 aspectos negativos. Neste sentido, vemos que os adultos têm menos dificuldades em criticar o espaço educacional que as crianças.

Observamos na tabela abaixo, os aspectos positivos escolhidos pelas profissionais.

Tabela 6: Aspectos positivos das imagens escolhidas

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Com material a disposição das crianças	8	27,58%
Arranjo espacial	7	24,13%
Ampla	4	13,79%
Colorida	3	10,34%
Interação	3	10,34%
Iluminação	2	6,89%
Organizada	2	6,89%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2019).

O desenvolvimento da autonomia na organização dos materiais foi o mais apontado, esteve presente em todas as imagens. O favorecimento e a valorização da autonomia infantil são destacados como relevantes tanto por Forneiro (1998) como pelos *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006). Enquanto critério de organização do espaço da sala de referência a autora advoga: “Tanto os mobiliários como os materiais devem ser acessíveis as crianças para que elas possam usá-los sozinhas” (FORNEIRO, 1998, p. 258).

Entretanto, na sala observada, esse critério foi parcialmente levado em conta, pois os materiais das crianças de uso diário, como estojo, caderno, pastas e brinquedos velhos, ficavam ao alcance, mas os jogos pedagógicos, tinta e massinha, ficavam fora do alcance. Essa escolha sinaliza que, provavelmente, as profissionais julgam que as crianças são incapazes de cuidar desses materiais.

O arranjo espacial foi o segundo elemento mais mencionado pelas profissionais. Agrupamos, as palavras *cantos* (4 escolhas), *trabalho coletivo* (1 escolha), *círculo* (1 escolha) e *disposição das carteiras* (1 escolha). Nas Figuras nº 3, 4 e 7, evidenciaram a presença dos “cantos”, enquanto, na Figura nº 2, foi ressaltado que o arranjo (em círculo) favorece a interação entre as crianças.

Os *Parâmetros Básicos para Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006), bem como os estudos de: Forneiro (1998), Horn (2004), Kramer (2009), Oliveira et al. (2012), Blanc e Lesann (2012), indicam os cantos de atividades para o trabalho com Educação Infantil. Defendemos que os cantos sejam organizados, conforme os critérios de Forneiro (1998), e que a organização espacial e o tema estejam adequados a faixa etária e ao interesse das crianças. Oliveira et al. (2012, p. 83), enfatizam que:

O arranjo espacial é parte fundamental na construção de um ambiente em que as crianças sintam-se estimuladas a explorá-lo do ponto de vista motor (engatinhando, andando, manipulando coisas), levando-se em conta também as sensações que ele desperta (sons, cheiros, sabores, texturas), e o que a vivência naquele espaço provoca na afetividade (confiança ou medo), na cognição (ideias, imagens sobre possíveis papéis que podem estar neles presentes) e em sua interação.

A interação é mencionada como aspecto positivo nas figuras nº 3, 6 e 7. Porém, conforme Meneghini e Campos-de-Carvalho (2003), podemos identificar que a imagem nº 6 é organizada no tipo de arranjo aberto, o qual não favorece a interação entre os pares, pelo contrário, aumenta a procura pelo adulto.

Figura 6: Arranjo aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 7: Grupos retangulares



Fonte: Oliveira (2008)

Nessa perspectiva, Forneiro (1998), Horn (2004) e Kramer (2009) recomendam que a organização do espaço potencialize a interação entre os pares, pois as crianças também aprendem nas relações e nos conflitos. Ao discorrer sobre a experiência bem-sucedida de Reggio Emilia, Gandini (1999) explicita:

Para os educadores de Reggio Emilia, o intercâmbio social é visto como essencial para a aprendizagem. Através da atividade compartilhada, da comunicação, da cooperação e até mesmo do conflito, as crianças constroem em conjunto seus conhecimentos sobre o mundo, usando as ideias de uma para o desenvolvimento das ideias do outro, ou para explorarem uma trilha ainda não-explorada (GANDINI, 1999, p.151).

O elemento cor, muito sublinhado pelas crianças, permanece no discurso dos adultos. As profissionais apontam as salas coloridas como aspecto positivo, sendo destacado nas Figuras nº 2, 3 e 6. Boccanera (2007, p. 18) defende a capacidade da cor de alterar o espaço.

A tabela, a seguir, mostra os aspectos negativos apresentados pelas profissionais.

Tabela 7: Aspectos negativos das imagens escolhidas

Figura	Nº de escolhas	Porcentagem
Altura dos cartazes expostos	5	29,41%
Poluição visual	3	17,65%
Ausência de cadeira e carteira	2	11,76%
Espaço Pequeno	2	11,76%
Pouca iluminação	1	5,88%
Material indisponível para as crianças	1	5,88%
Pobreza material	1	5,88%
Falta de visibilidade externa	1	5,88%
Trabalho individual	1	5,88%

Fonte: Trabalho de Campo (2015). Org.: Elaborada pela autora (2019).

Conforme as tabelas 5 e 6, a dimensão das salas foi enfatizada pelas profissionais, porém houve contradição neste aspecto, no que tange a figura 7, que foi apontada como ampla pela orientadora pedagógica e como pequena pela professora da turma. Notamos que a sala da imagem nº 7 é a que mais se assemelha à dimensão da sala pesquisada. Nas Figuras nº 2, 3, 6 as salas foram consideradas amplas e a sala da Figura nº 4 foi considerada pequena. O aspecto da dimensão é muito relevante para as profissionais, embora a sala investigada tenha o tamanho indicado pelos *Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006). Concluímos que elas entendem que o tamanho da sala na qual trabalham é insuficiente.

Figura 7: Grupos retangulares



Fonte: Oliveira (2008)

Figura 2: Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)

Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 6: Arranjo aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Conforme a tabela 6, a ausência das carteiras e cadeiras foi alvo de críticas das profissionais, principalmente, nas imagens nº 3 e 4. Embora as profissionais incluam os cantos de aprendizagem entre os aspectos positivos, apontam a necessidade do uso desses mobiliários. Desse modo, é possível inferir que, para elas, o arranjo ideal seria aquele que une cantos às carteiras, Modelo Misto, conforme mencionado por Forneiro (1998).

Figura 3: Arranjo visualmente aberto com tapete central



Fonte: Elaine Prachedes de Oliveira Rocha (2020)

Figura 4: Arranjo visualmente aberto



Fonte: Baú de atividades (2015)

Nesta perspectiva, concordamos com as profissionais de que o espaço da sala de referência em que trabalham é insuficiente, pois esse modelo de organização demanda uma dimensão maior que a proposta nos documentos oficiais brasileiros.

Em consonância com o Encarte 1 dos *Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil* (BRASIL, 2006b), constatamos a queixa das profissionais em relação ao posicionamento dos painéis de exposição, os quais não se encontram numa altura em que as crianças possam manipulá-los. Todavia, durante a observação, percebemos que as exposições das atividades feitas na recepção da instituição foram parcialmente divulgadas na altura das crianças. Na sala de referência, não havia um local para a exibição dos trabalhos, ou seja, embora as profissionais reconheçam a importância da apresentação dos trabalhos e o modo correto de fazê-la, não a realizam.

Gandini (1999) ressalta a atenção que deve ser dada à decoração e ao mobiliário do espaço de recepção. A recepção é a primeira impressão de quem entra na escola, por isso deve ser um espaço acolhedor e agradável visualmente. Assim, é apropriado o uso de poltronas aconchegantes e uma decoração que reflita as vivências na escola, seus funcionários, crianças, projetos.

Forneiro (1998) sustenta que a função da decoração em sala de referência é educativa e pode contribuir para a sensibilidade estética. Para tanto, a autora oferece quatro sugestões:

- ✓ Ser muito colorida: de maneira harmoniosa, sem exageros.
- ✓ Ser original e criativa: sem cópias midiáticas, para estimular a criatividade das crianças.
- ✓ Ser personalizada: expor os trabalhos das próprias crianças.

- ✓ Incluir réplicas de obras de arte: de forma que as crianças tenham acesso às obras de arte atuais e antigas (FORNEIRO, 1998).

A estética dos cartazes expostos (denominada Poluição visual) nas Figuras nº 2 e 7 foi classificada como aspecto negativo. No entanto, a forma como os cartazes são exibidos na Figura nº 2 se assemelha à organização da sala de referência, ensejando, assim, outra contradição entre teoria e prática das profissionais. A propósito, Drumond (2007) esclarece que, infelizmente, é comum se deparar com cartazes que pecam quanto à estética, nas instituições, e que essa ação compromete a educação para a formação da sensibilidade estética das crianças.

Figura 2: Carteiras individuais em arco



Fonte: Colégio Discere Laboratum (2011)

Figura 7: Grupos retangulares



Fonte: Oliveira (2008)

Conforme a tabela 6, a pobreza de material, apontada na Figura nº 4, recebe destaque em diversos momentos das conversas que tivemos com as profissionais, o que significa que a aquisição de materiais é uma questão fundamental a ser resolvida. Entretanto, a solução exige investimentos financeiros e, portanto, foge da alçada das profissionais.

Figura 4: Arranjo visualmente aberto



Fonte: Baú de atividades (2015)

Podemos concluir que para as profissionais a sala de referência ideal é aquela que possui a presença de cantos e grupos com carteiras e cadeiras, modelo misto (FORNEIRO, 1998), iluminada, ampla, decorada, com a presença de materiais produzidos pelas crianças, com cores harmoniosas e com abundância de materiais e brinquedos.

7. CONCLUSÃO

A idealização do espaço da sala de referência das crianças é diferente da dos adultos. Para as crianças, a sala precisa ser um espaço com a presença de janelas com visibilidade externa, chão com detalhes, mesas e cadeiras coloridas e que permitam diversos tipos de arranjos. É importante ainda que tenha armários baixos, abertos e coloridos, os quais permitam o acesso aos materiais e brinquedos, além de lousa, tapete, brinquedos e elementos naturais decorativos.

De acordo com as profissionais, a sala de referência precisa ser ampla, iluminada e colorida, possibilitando o arranjo espacial no "Modelo Misto", destacado por Forneiro (1998). As profissionais idealizam uma sala com variedade de materiais, disponíveis na altura das crianças. Acerca da decoração, as suas indicações sugerem a presença de painéis de exposição, cartazes na altura das crianças e que as cores sejam "equilibradas".

Vale salientar que, embora as idealizações das crianças e das profissionais tragam aspectos distintos, todas apontam elementos coerentes com os teóricos que estudam o tema espaço educacional e os documentos legais brasileiros.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Pricilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

BARBOSA, Maria Carmen. Silveira. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, M. G. S. Organização do espaço e o tempo

na escola infantil. In: CRAIDY, C. M; KAERCHER, G. E. P. S. (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BAÚ DE ATIVIDADES. 2015. Disponível em: <https://bau-de-atividades.com/>. Acesso em: 05 maio 2015.

BLANC, Claudine; LESANN, Janine. **Propostas para o cotidiano da Educação Infantil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

BLOWER, Hélide Cristina Steenhagen. **O lugar do Ambiente na Educação Infantil**: Estudo de Caso na Creche Doutor Paulo Niemeyer, 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BOCCANERA, Nélio Barbosa. **A utilização das cores no ambiente de internação hospitalar**. 2007. 95f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAMPOS, Maria Malta. Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S.H.V. (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-42.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Maria Ignez. Arranjo Espacial. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p.70-82.

CARVALHO, Maria Ignez Campos de; RUBIANO, M. R.B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de O. (Org.) **Educação Infantil**: muitos olhares. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COLÉGIO CENE. 2012. Disponível em: < <http://www.colegiocene.com.br/>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

COLÉGIO DISCERE LABORATUM. 2011. Disponível em: <<http://www.discerelaboratum.com.br>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

CORSARO, William. Reprodução Interpretativa e Cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo, Cortez, 2009, p. 31-50.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Revisão Técnica de Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As imagens na Educação Infantil: uma abordagem a partir da Cultura Visual. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, n.19, jan./jul. 2009.

DRUMOND, José Cosme. Hibridismos nas decorações de ambiente escolares. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. **Anais**. Caxambu, 2007, p. 1-14.

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em Educação Infantil. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 309-319, 2003.

EVANGELISTA, Ariadne de Sousa. **O espaço na educação infantil**: análise para a qualificação. 2014. 40f. Presidente Prudente. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – Programa de Pós-Graduação, UNIVEL, 2014.

EVANGELISTA, Ariadne de Sousa. **Concepções e expectativas de crianças e de profissionais sobre o espaço educacional na Educação Infantil**. 2016. 264 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

FORNEIRO, Lina Eglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 8. ed. Tradução de Ligia M. Pondé Vasallo. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRAGO, Antonio Vrao; ESCOLANO, Austin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 145-158.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 229-245, jul./dez. 2001

KRAMER, Sonia; GUIMARÃES, Daniela. Nos espaços e objetos das creches: concepções de educação e práticas com as crianças de zero a três anos. **Caderno de Pesquisa em Educação PPGE – UFES**. v. 13, n. 16. Vitória, p. 9-45, jul./dez. 2007.

KRAMER, Sonia. (Org.) **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a Educação Infantil. 14. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENEZHINI, Renata; CAMPOS-DE-CARVALHO, Maria Ignez. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.2, n. 16, p. 367-378, 2003.

OLIVEIRA, Chistiane. **A organização do ambiente:** um estudo com as professoras de Educação Infantil de Corupá. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. et al. (Org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. **Observando a qualidade do lugar:** procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.) **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SOUZA, Solange Jobim e; CASTRO, L.R. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p.52-78.

TIRIBA, Léa. Seres humanos e natureza nos espaços da Educação Infantil. **Presença Pedagógica**. v. 13, n. 76, p. 44-51, jul./ago. 2007.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

NOTAS

SALA DE REFERÊNCIA IDEAL PARA AS CRIANÇAS E PARA AS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Ariadne de Sousa Evangelista

Doutoranda em Educação

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

ariadne_ev@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9339-3867> 

Endereço de correspondência do principal autor

Endereço para correspondência indicando Rua: Alvinho Gomes Teixeira, 435, Bl. 12, Apto 205, CEP 19033-000, Presidente Prudente, SP, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

FAPESP - Processo nº 2014/13097-5.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Autorização do uso das imagens nº 1, 2, 3, 4, 6 e 8. (Anexo).

As imagens 5 e 7 não se aplicam.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado em 4 de março de 2015 pelo CAEE: 36699714.0.0000.5402

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 02-09-2018 – Aprovado em: 17-03-2019